



ÁT CA

O

D U E L O

B e r n a r d o S a n t a r e n o

**O DUELO**

*Mathews*

*Do meu caro Orenio  
Jorge Seabra de Magalhães*

*Boimera, 21-X-1961*

BERNARDO SANTARENO



# O DUELO

PEÇA EM 3 ACTOS E 3 QUADROS

EDIÇÕES ÁTICA  
LISBOA

## PERSONAGENS

MANUELA ... ..	25 anos	<i>Henriqueta Mayo</i>
ÂNGELO ... ..	25 anos	<i>João Perry</i>
ROSÁRIA ... ..	45 anos	<i>Euzico Tullioz</i>
MARIANA ... ..	50 anos	<i>Cecilia Guimarães</i>
MARIA CLARA ... ..	18 anos	<i>Elisa Lisboa</i>
CHICO ... ..	20 anos	<i>Rui Pedro</i>
JOSÉ ... ..	30 anos	
SALOMÉ ... ..	70 anos	<i>Mara Dulce</i>
1.º CAMPINO ... ..	20 anos	
2.º CAMPINO ... ..	25 anos	
3.º CAMPINO ... ..	40 anos	
ZÉ RUÇO ... ..	24 anos	
1.ª RAPARIGA ... ..	22 anos	<i>Maria João Galvão</i>
1.ª VELHA ... ..	60 anos	<i>Luís de Lopes</i>

Campinos, outros Rabesanos, Raparigas e Velhas.

*Actualidade*  
*Lezíria — Ribatejo*

## PRIMEIRO ACTO

*CENÁRIO: — A casa de fora, em habitação humilde de maioral. Ao fundo, a porta da rua: quando aberta, mostra a lezíria e, mais ao longe, o Tejo.*

*Verão; meio-dia: luz intensa. Paredes fortemente caiadas de branco.*

*Como mobiliário, uma cómoda antiga de pinho pintado, uma mesa, cadeiras e uma arca grande. Sobre a cómoda, um relógio alto de madeira, em forma de torre. Em sítio adequado, na parede, um crucifixo grande e negro.*

*Silêncio: ouve-se apenas o cantar das cigarras, que é vivo e obsidiante. Muito calor.*

### CENA I

*Ao subir o pano, Rosária, toda vestida de preto, cose uma camisa branca de homem. Está sòzinha em cena. A certa altura, deixa cair o pano e, suspirando afogueada, abana-se com o lenço negro que tira da cabeça. Então começa a ouvir-se, cada vez mais intenso, um tumulto de cavalos, toiros e cabrestos em corrida vertiginosa: chocas, relinchos, gritos estimulantes dos campinos, etc. Rosária, de súbito imobilizada a escutar, rígida, mostra no rosto uma expressão crescente de ansiedade. Quando, animais e cavaleiros, passam mesmo em frente da casa, levanta-se bruscamente e fica, varada pelo terror, no meio da cena, as mãos crispadas sobre o peito, a face lívida voltada para*

## O D U E L O

os espectadores. Rápida e gradualmente, os ruídos vão-se apagando e, quando já mal se ouvem, batem à porta da rua três pancadas nítidas: Sobressalto em Rosária que esboça alguns movimentos para abrir, voltando logo no entanto à atitude anterior: rigidez expectante, medo.

MARIANA

(De fora.) Ó da casa?! Estás aí, Rosária?...

ROSÁRIA

(Alívio, primeiro; depois, outra vez, apreensão: vai até à porta e fica-se com a mão no fecho, inquieta; voz sumida.) Lá vai...

MARIANA

Eh! Rosária?! Abre, mulher!...

ROSÁRIA

(Abre, mal se afastando para deixar entrar Mariana, cujo rosto fixa ansiosamente.) Ah! és tu...

MARIANA

(Que entra.) Boa tarde, Rosária!

ROSÁRIA

(Sempre aflita.) Que foi, Mariana?... (Silêncio. Voz rouca:.) Porque vieste cá?... Tu não ouves? Que nova me trazes tu hoje?..

PRIMEIRO ACTO, CENA I

MARIANA

(*Admêrada.*) Essa agora!... Ó mulher, eu...

ROSÁRIA

(*Violência seca.*) Foi o Ângelo? Foi o meu filho?!...

MARIANA

(*Sem perceber.*) O quê, Rosária? O teu rapaz está doente?...

ROSÁRIA

(*Alma nova.*) Pois não sabes nada, Mariana? Não aconteceu mal ao meu Ângelo?...

MARIANA

(*Tirando o lenço da cabeça e limpando com ele o suor do pescoço.*) Diabos me levem se eu te entendo, mulher!: Passei mesmo agora por ele, lá em baixo, na borda do Tejo... e pareceu-me bom... ora, mais que bom!... (*Abandonando-se:*) Hi, Jesus! que dia de calma!... (*Curiosa:*) Mas ouve cá, amiga: sucedeu alguma coisa?... Porque estás tu tão amofinada, Rosária?...

ROSÁRIA

(*Contente.*) Nada, Mariana. Nada, graças a Deus! Eu é que... Mas senta-te, vá lá, descansa o corpo!...

## O D U E L O

MARIANA

*(Mirando Rosária, com estranheza.)* Tu não andas boa, Rosária...

ROSÁRIA

Não ando não, Mariana: será... será talvez do calor... Ai, tenho aqui duas unhas de ferro cravadas nas fontes! *(Aperta a cabeça entre as mãos.)* Às vezes, parece-me que dou em doida... Também o Sol, hoje, é lume!... *(Fica-se a olhar, como que fascinada, a mancha de Sol projectada no sobrado, através da porta aberta.)*

MARIANA

*(Após uns segundos de silêncio, impaciente.)* Ó mulher, não fiques aí embasbacada ao Sol?!... Cerra-me essa porta! *(Abanando-se:)* Não me lembro dum ano de calor como este... Credo, Santo Nome de Deus! Só talvez naquele verão — tens presente? — em que até deu coisa ruim no gado... *(Mutaçãõ brusca:)* Ó Rosária, mas que diabo tens tu, mulher?!...

ROSÁRIA

Uma coberta de gelo aqui, no meu coração: não há Sol capaz de ma derreter!...

MARIANA

Já te mostraste ao médico?...

PRIMEIRO ACTO, CENA I

ROSÁRIA

*(Encolhendo os ombros, enquanto vai fechar a porta.)*  
Ora, os médicos... médicos!... Estou velha, Mariana. *(Sentta-se.)* Velha.

MARIANA

Essa agora! Mais cinco anos que tu tenho eu e...

ROSÁRIA

*(Amarga.)* Quarenta e cinco. Eu só tenho quarenta e cinco, Mariana. E o cabelo todo branco: olha... olha pra isto!...

MARIANA

Não é da idade, amiga: são os sangues.

ROSÁRIA

Pois o meu, o sangue da minha raça, é bom. Tu bem o sabes. Lembras-te da minha mãe, que Deus haja? Quando morreu, andava já à roda dos setenta: pra mais, que não pra menos...

MARIANA

Ainda viva e remexida, que nem égua nova! Aquilo sempre era uma mulher...

ROSÁRIA

Uma mulher, Mariana! uma grande mulher: Mãe de

sete filhos... Olha, a mim, pariu-me ela ali mesmo, no meio do trigo, quando andava a ceifar! Ai, mais valera que...

MARIANA

Estou a vê-la, Rosária: sempre com a carinha na água, risota aqui, bonecrada acolá... Rica ti Cremilda!

ROSÁRIA

Morreu de repente...

MARIANA

Foi um ar mau que lhe deu, não foi?...

ROSÁRIA

(*Gesto de confirmação.*) Não sofreu nada na morte, coitadinha. (*Silêncio.*) Nem na vida, bonda a verdade...

MARIANA

Isso agora!? Trabalhou sempre, até morrer, como um homem...

ROSÁRIA

(*Violência mordida.*) Nem na vida, Mariana.

MARIANA

E olha que o teu pai, quando bebia e tomava o freio nos dentes, era levadinho dum raio... isso é que ele era!...

PRIMEIRO ACTO, CENA I

ROSÁRIA

Era um homem! era um homem que a acompanhou a vida toda, que... Olha, Mariana, olha que até na morte, até na morte!: o meu pai só pôde morrer, depois da minha mãe fechar os olhos... Um mês depois, logo um mês depois! (*Silêncio.*) A minha mãe teve sempre o seu homem ao lado dela, a dar-lhe o respeito, a ganhar-lhe o pão, a castigar-lhe os filhos...

MARIANA

(*Azeda.*) E a malhar-lhe em cima, quando calhava! Pois, que ele era mesmo pra cortesias...

ROSÁRIA

(*Impeto.*) Deixá-lo, Mariana, deixá-lo!: Isso que tem? (*Suspiro.*) Tomara eu...

MARIANA

Pisadinha de trabalho, cada ano um filho...

ROSÁRIA

(*Agitada, levantando-se.*) Tomara eu, mulher, tomara eu! Cada ano um filho... (*Hirta, lúgubre:*) O meu homem só pôde fazer-me um: faltou-lhe o tempo, Mariana. (*Soluço seco.*) Espiga cortada... espiga verde, cortada antes da ceifa...

MARIANA

(*Inquieta.*) Pois eu sinto-me bem assim, Rosária; des-

cansadinha da minha vida, sem sombra de homem à minha volta, sòzinha na minha cama... Não há nada que chegue, não há vida melhor!

ROSÁRIA

*(Rouca, profunda.)* Isso é mentira, Mariana!

MARIANA

*(Despeito, angústia.)* Não há vida melhor, digo e redigo! Há mais de quinze anos que aquele trongo abalou prò Brasil: deixou-me só, com duas crianças pequenas! Sòzinha, Rosária, sem eira nem beira: olha, com estes dois braços pra trabalhar... Ai, homens, homens! Já lá vão quinze anos... Nunca mais, nem novas, nem mandadas: nem uma nota de vinte mil réis pròs filhos, nem uma letra amiga... Que mil raios o partam! Quero lá saber, Rosária! quero lá saber: tanto se me dá que esteja vivo, como morto...

ROSÁRIA

Cala-te mulher, cala-te: Quem te dera a ti vê-lo entrar amanhã... hoje mesmo, agora! pela casa a dentro...

MARIANA

Matava-o, Rosária! Bebia-lhe o sangue...

ROSÁRIA

Ai, quem te dera, quem te dera!...

PRIMEIRO ACTO, CENA I

MARIANA

(*A chorar.*) Não volta. Botou-me ao desprezo: a mim e aos filhos. Nunca mais volta, Rosária!

ROSÁRIA

Sabe-se lá!...

MARIANA

(*Com raiva.*) Não volta!

ROSÁRIA

Está vivo. Ainda não é velho... (*Mudança; suspiro fundo.*) Quem não volta é o meu... nunca mais! (*Silêncio.*) Está morto. Morto e enterrado: ali em cima, naquele cemitério... Fui eu, eu própria, Mariana! quem lhe abriu a cova, com as minhas mãos: com estas... com estas mãos, que sentiram a quentura e a braveza do seu sangue!... (*Terror.*) Aquelas cornadas eram duas fontes, Mariana!: nada foi capaz de as secar, nada... Ai, as minhas mãos, as minhas tristes mãos!... Eram dois rios, dois Tejos de sangue, que lhe corriam do peito e do pescoço!... (*Levanta-se.*) E eu só levava três anos de casada... Três anos! (*Silêncio.*) Pensar que foi um toiro, um bruto... Ah, malditos toiros, maldita terra esta!: queria abalar daqui, desta lezíria matadora, hoje! hoje mesmo... (*Angústia terrível, debruçando-se para Mariana:*) E tenho o outro, Mariana... Tenho o outro!

MARIANA

O teu Ângelo?

## O D U E L O

ROSÁRIA

*(Voz gutural, de raiz.)* O meu filho... o meu filho único! *(Ouvem-se de novo, ao longe, chocas e cavalgadas.)* Não posso, Mariana! fico sem pinga de sangue, quando oiço estas correrias de toiros e cavalos... Não posso! *(Silêncio. Pavor:)* Eles matam-mo!...

MARIANA

*(Num arrepio.)* Eles?...

ROSÁRIA

Matam-mo. Eles matam-me o filho.

MARIANA

*(A insinuar.)* Os toiros?...

ROSÁRIA

*(Hirta, gelada; com um gesto obstinado da cabeça.)*  
Eles.

MARIANA

*(A medo.)* Eles... eles gostam do teu filho.

ROSÁRIA

*(Com ódio.)* Também gostavam do meu homem. Também gostavam de mim. Até demais...

## O D U E L O

ROSÁRIA

*(Cortando.)* Enorme, Mariana! grande, como a Torre das Cabaças que há em Santarém... Lembras-te dele?

MARIANA

Chamavam-lhe o «Solitário»...

ROSÁRIA

*(Contraindo-se: ódio.)* Chamavam... eles *(gesto com a cabeça, indicando a casa dos senhores.)* chamavam-lhe esse nome.

MARIANA

Ó mulher! o que lá vai, lá vai, e tu...

ROSÁRIA

Era um toiro terrível, Mariana! A alegria que ele tinha naqueles olhos malvados... era o lume do inferno que ele trazia nas vistas! E o bafo... o bafo, Mariana? Quentinho, azul, quebrava as forças dum pobre mortal, que nem papoila dormideira... *(um grito seco, sufocado.)*

MARIANA

Deixa isso agora, Rosária: não te aflijas mais...

ROSÁRIA

Um toiro terrível. O maior que eu vi, em toda a minha

PRIMEIRO ACTO, CENA I

vida. O mais negro... o mais negro de todos. E os cornos? Branquinhos sem mancha, maneirinhos e redondos, tão afiados!... (*Uns passos. Torcendo as mãos, desesperada:*) Como? Como é que aquilo pôde matar um homem, Mariana?! Um homem novo e bonito, com mais ganas no corpo que todos os poldros juntos desta lezíria, com mais força no sangue que as águas do Tejo no tempo das cheias!!?... E matou. Aquele toiro matou o meu homem: aqueles cornos souberam achar caminho na carne do meu homem, seguros, direitinhos... Tão afiados, Mariana, tão afiados!... E ficaram dois buracos negros, duas fontes de sangue: uma aqui, na raiz da voz... e outra aqui, mesmo aqui, na gema do coração!...

MARIANA

Cala-te, mulher! Olha, vou-me embora... Sempre, sempre isto!...

ROSÁRIA

(*Feroz.*) Nunca mais o larguei... nunca mais deixei aquele toiro: mirei-o noite e dia! Queria conhecê-lo bem, saber como era o matador do meu homem... ver o que tinha mudado. nesse boi do inferno, depois daquela morte!... (*Silêncio.*) Algumas vezes, levei a espingarda, com a intenção de o matar. Outras, fui sòzinha, sem armas nas mãos, com a voz bem seca na garganta: era pra ele me matar, a mim. Mas não quis: Saltei a vedação, chamei-lhe nomes, desafiei-o... Não quis: Prantou em mim aqueles olhos malvados, tremeu um bocado — tanto como eu, Mariana! — e depois, com desprezo, deixou-me, meteu-se no meio da manada... Com desprezo, mulher, acre-

## O D U E L O

dita! (*Silêncio.*) Nunca cheguei a saber, ao certo, o que é que eu gostava mais, cá do fundo do coração: se matá-lo, se sentir os cornos dele na minha carne... como sentiu o meu homem. Era... era um toiro terrível!

MARIANA

(*Terna.*) Minha pobre Rosária...

ROSÁRIA

(*Riso desesperado.*) E vê lá tu, como as coisas são: Quando levaram o Solitário prà Espanha, quando me vieram dizer que o tinham morto, já não me lembro em que Praça de Toiros... queres saber, Mariana?! Ri-te! ri-te, mulher, que isto é pra rir! Queres acreditar? Pois eu fiquei triste. Triste! como se acabasse de perder a última gota de sangue do meu homem. (*Gargalhada. Depois, de súbito trágica:*) Era... aquele toiro... era a única coisa com vida que o meu marido me deixou, neste mundo. (*Pausa. Terror:*) O toiro e o meu filho, o Ângelo. O boi já morreu... Mata-ram-mo em Espanha.

MARIANA

Malvado! Abençoada espada que lhe cortou a vida!... Não era um toiro como os outros, isso não: Puseram-lhe aquele nome, chamavam-lhe Solitário, porque o alma do diabo andava sempre sòzinho, separado da manada! Dizem que nunca quis cobrir as fêmeas destas pastagens: fugia de noite, quando apanhava os maiores a dormir,

PRIMEIRO ACTO, CENA I

saltava os moirões... e só voltava de manhã cedo, ao luzir do buraco, assim como quem não quer a coisa, mansinho! pra não acordar os homens. (*Gesto vagamente incrédulo de Rosária.*) Houve quem o seguisse, Rosária: o Zé Rato, o João Labareda... Toiro dum raio!! Parece que ia ter com uma vaca, lá longe, pràs bandas de Vila Franca; e dizem que era sempre a mesma, que nunca quis outra...

ROSÁRIA

(*Sorriso violento.*) Quando matou o meu homem, o Solitário tinha os cornos enfeitados com florzinhas azuis...

MARIANA

Era dia do Santíssimo Milagre... (*Mudança, acariciando Rosária.*) Mas não estejas sempre a pensar nisso, mulher!... A tua vida seguiu...

ROSÁRIA

É verdade que seguiu...

MARIANA

Graças a Deus! Ainda bem...

ROSÁRIA

(*Seca.*) Depois de namorar o Solitário, namorei aquela trave (*indica, com a cabeça, um madeiro do tecto.*), horas inteiras, dias e dias... (*Pausa.*) Tive medo, Mariana.